

A PEDAGOGIA FEMININA NA ESCRITA DE VALESKA ZANELLO: ENTRE O PAPEL DE CUIDADO E EMPODERAMENTO

ANA VITÓRIA COLLETTI, SABRINA MENDES GONÇALVES, LÚCIA
HELENA FERREIRA LOPES

RESUMO

Durante muito tempo, as mulheres foram enquadradas a esfera doméstica, excluídas de processos educacionais formais e colocadas em papéis subalternos da sociedade, e a pedagogia, por muitas vezes demonstrou e reproduziu essas desigualdades de gênero, limitando o potencial feminino. A partir do século XIX, quando a educação formal se tornou mais estruturada no Brasil, a pedagogia – sendo vista como uma extensão do papel doméstico feminino – passou a moldar o desenvolvimento intelectual e manter a mulher em uma posição de submissão. Nesse período, o trabalho de educar crianças e transmitir valores morais era considerado uma responsabilidade "natural" da mulher, alinhada às expectativas sociais de cuidado e subordinação. Na atualidade, apesar dos avanços nos direitos das mulheres, essa área ainda está fortemente influenciada por esse estigma cultural sendo uma profissão, predominantemente, feminilizada. Sob essa perspectiva, o presente trabalho objetivou analisar a pedagogia feminina na escrita de Valeska Zanello traçando um panorama entre o papel de cuidado e empoderamento. Para isso, foi realizada um estudo de caráter teórico-exploratório da obra "Prateleira do Amor", que busca criticar e desconstruir os estereótipos de gênero à medida que as instiga as mulheres a se libertarem de expectativas tradicionais opressoras. Com efeito, de acordo com a autora, as mulheres são colocadas em uma prateleira, limitadas a cuidarem e amarem, privadas da liberdade de expressar suas individualidades e seus desejos. Concomitantemente, essa percepção, de que o trabalho educacional das mulheres é uma "extensão natural" do cuidado doméstico, reforça a desvalorização financeira da área, enquanto ignora o impacto transformador das pedagogas na sociedade. Ademais, a obra dialoga com as experiências de mulheres que enfrentam múltiplas formas de opressão, como de gênero, raça e classe, realizando uma

participação ativa e igualitária na sociedade. Nesse sentido, essa interseccionalidade também é evidente na pedagogia, onde mulheres negras enfrentam desafios específicos, mas também criam oportunidades de inclusão e equidade. Em contrapartida, a obra enfatiza a busca por autonomia e protagonismo, refletindo o papel da pedagogia como um espaço onde mulheres podem exercer liderança e promover mudanças sociais. Em síntese, evidencia-se a importância de uma sociedade que reconheça as contribuições das mulheres além dos estigmas e papéis impostos.

Palavras-chave: Mulher; Papel de Cuidado; Prateleira do Amor.

AUTORES:

Ana Vitória Colleti, Graduanda em Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: ana.241154043@discente.uemg.br.

Sabrina Mendes Gonçalves, Graduanda em Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: sabrina.241152384@discente.uemg.br.

Lúcia Helena Ferreira Lopes, Graduada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa, Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestre em Língua Portuguesa pela mesma instituição. Professora na Universidade Estadual de Minas Gerais, unidade Ituiutaba. E-mail: lucia.lopes@uemg.br.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I SOB A PERSPECTIVA DA NEUROCIÊNCIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

CRISTINA NUNES DE SOUZA, MARIA IZABEL PIRES DE SENE, TANIA REZENDE SILVESTRE CUNHA

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) teve como objetivo investigar o processo de Alfabetização e Letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental I sob a perspectiva da Neurociência, destacando os desafios e possibilidades dessa abordagem no contexto educacional. A Alfabetização e o Letramento são etapas fundamentais no desenvolvimento das habilidades leitoras e escritoras das crianças, e os avanços da neurociência fornecem subsídios teóricos e práticos para aprimorar o processo de ensino-aprendizagem. O estudo se baseou em uma revisão bibliográfica de pesquisas e artigos que exploram os mecanismos neurobiológicos envolvidos na aquisição da leitura e da escrita, como a função das áreas cerebrais relacionadas à linguagem, à memória e às funções executivas. A partir dessa análise, foi possível identificar que a Neurociência pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de metodologias pedagógicas mais eficazes e personalizadas, atendendo às diversas necessidades dos alunos. Entretanto, foram identificados desafios relevantes, como a falta de formação continuada dos professores em Neurociência e as dificuldades de implementação de práticas pedagógicas inovadoras nas escolas. Em contrapartida, as possibilidades apontam para a importância da estimulação precoce, a criação de ambientes de aprendizagem ricos em estímulos e o uso de metodologias ativas que favoreçam o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. Conclui-se que, embora haja desafios na integração da neurociência à prática pedagógica, as potencialidades dessa abordagem são vastas e promissoras. A adoção de práticas educativas baseadas em evidências científicas pode promover uma Alfabetização e Letramento mais eficazes, contribuindo para o pleno desenvolvimento das crianças nos anos iniciais do ensino fundamental.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Neurociência.

AUTORES:

Cristina Nunes de Souza, Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: cristina.1595674@discente.uemg.br.

Maria Izabel Pires de Sene, Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: maria.1598953@discente.br.

Tania Rezende Silvestre Cunha, Graduada em Pedagogia pela Fundação Educacional de Ituiutaba-MG. Doutora, Mestre e Pós-Doutorada em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora na Universidade Estadual de Minas Gerais, unidade Ituiutaba. E-mail: tania.cunha@uemg.br.

GÊNEROS TEXTUAIS EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA - ENSINO FUNDAMENTAL I: ANOS INICIAIS

ANAÍDE DA SILVA VILELA, CÉLIA MARIA MALAQUIAS SILVA, LÚCIA HELENA FERREIRA LOPES

RESUMO

O objetivo deste resumo é apresentar resultados parciais de uma pesquisa mais ampla de natureza quantitativo-descritiva que visa mapear os gêneros textuais em livros didáticos – distribuídos, gratuitamente, para as escolas públicas de Educação Básica em todo o território nacional, por meio do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). O recorte incide sobre a coleção Ápis Mais, destinada ao ensino de Língua Portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). O tema é relevante, uma vez que, pela proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) – documento normativo que define o conjunto progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo da Educação Básica – o texto deve assumir a centralidade do ensino de Língua Portuguesa, orientado pelos pressupostos dos gêneros textuais. Para fundamentar, teoricamente, o estudo baseou-se em Bakhtin (1992, p. 279) para quem os textos, embora possuam naturezas diferentes, pertencem a grupos “relativamente estáveis de enunciados produzidos pelas mais diversas esferas da atividade humana”, ou seja, os textos pertencem a gêneros textuais específicos. Segundo Marcuschi (2002), os processos sociocomunicativos interacionais estabelecem-se dentro de limites textuais verbais (orais ou escritos) e/ou multissemióticos. Nesse sentido, considera-se que além dos aspectos discursivos e enunciativos, os textos apresentam regularidades formais tais como: uma estrutura composicional relativamente estável, função(ões) sociocomunicativa(s) específica(s) e são materializados em língua por meio de aspectos linguísticos e discursivos próprios. Nesse sentido, a identificação e o conhecimento do gênero possibilitam tanto o autor como o leitor valerem-se de parâmetros para construir e reconstruir os sentidos sócio-histórico-culturais dos textos. Nesse contexto de considerações, os resultados preliminares obtidos pelo levantamento realizado na coleção Ápis revelam a predominância de gêneros do

discurso literário – poemas e contos – em detrimento dos gêneros informativos. A próxima etapa da pesquisa se voltará para a análise das atividades propostas para os gêneros, observando se os eixos de integração considerados na BNCC de Língua Portuguesa – oralidade, leitura/escuta, produção escrita e análise linguística/semiótica – estão contemplados nas diferentes dimensões da linguagem e contribuem para o desenvolvimento efetivo das competências linguísticas no que se refere à leitura e à escrita proficientes no Ensino Fundamental I.

Palavras-chave: Gêneros Textuais; Livros didáticos; Ensino de Língua Portuguesa.

AUTORES:

Anaíde da Silva Vilela, Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: anaide.1538138@discente.uemg.br.

Célia Maria Malaquias Silva, Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: celia.1538127@discente.uemg.br.

Lúcia Helena Ferreira Lopes, Graduada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa, Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestre em Língua Portuguesa pela mesma instituição. Professora na Universidade Estadual de Minas Gerais, unidade Ituiutaba. E-mail: lucia.lopes@uemg.br.

UM OLHAR SOBRE A MONITORIA NA PEDAGOGIA

LÁRIEN CRISTINA FRANCO DE LIMA, LÚCIA HELENA FERREIRA LOPES

RESUMO

O Programa de Ensino em Monitoria Acadêmica (PEMA) foi instituído e regulamentado no âmbito da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) pela Resolução COEPE nº 305/2021, estando registrado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Pedagogia com o objetivo de “contribuir para a melhoria no processo de ensino e aprendizagem nos cursos de graduação”. Para que a atividade de monitoria seja implementada, o(a) professor(a) deve manifestar interesse em orientar e supervisionar um(a) monitor(a), que receberá uma bolsa para subsidiar as atividades previstas em edital. O(a) candidato(a) à monitoria deve apresentar bom desempenho na disciplina com a qual atuará e ser aprovado(a) em um processo seletivo simplificado. Na etapa seguinte, o(a) professor(a)-orientador(a) e o(a) estudante-monitor(a) preenchem, conjuntamente, um formulário contendo o Termo de Adesão ao Programa, a Declaração de Compromisso e o Plano de Trabalho da Monitoria Acadêmica. O(a) monitor(a) selecionado(a) deve dedicar 12 horas semanais às atividades do PEMA e contribuir com a formação dos(as) estudantes, favorecendo a construção de conhecimentos pertinentes e significativos à disciplina. Diante desse contexto, este resumo tem como propósito explicitar as impressões sobre as atividades de monitoria desenvolvidas pela estudante-monitora na disciplina “Interpretação e Produção Acadêmico-Científica”, ministrada para o 2º período do curso de Pedagogia. Os resultados, ainda parciais, evidenciam que a monitoria tem impacto positivo tanto para os(as) estudantes quanto para o(a) monitor(a), pois permite ampliar e sistematizar os conteúdos da disciplina. Cabe ao(à) monitor(a) elaborar atividades de fixação e realizar leituras de artigos científicos, com o intuito de orientar os(as) alunos(as) que buscam apoio. Os atendimentos, previamente agendados, podem ser individuais ou em grupo, e são realizados de forma presencial, por meio de chat ou videochamada, utilizando as plataformas WhatsApp e Google Meet, de acordo com a necessidade e especificidade de cada estudante. Observa-se

que o PEMA é um projeto bem estruturado, demonstrando a preocupação do Estado em assegurar a permanência dos(as) estudantes na Universidade. O principal desafio, no entanto, tem sido a baixa adesão dos(as) discentes aos encontros e atividades propostas. Diante disso, faz-se necessário repensar as práticas de monitoria para promover maior engajamento e participação, contribuindo, assim, para a continuidade e fortalecimento do programa.

Palavras-chave: Aprendizagem; Monitor; Docência.

AUTORES:

Lárien Cristina Franco de Lima, Graduada em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: larien.1599438@discente.uemg.br.

Lúcia Helena Ferreira Lopes, Graduada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa, Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestre em Língua Portuguesa pela mesma instituição. Professora na Universidade Estadual de Minas Gerais, unidade Ituiutaba. E-mail: lucia.lopes@uemg.br.

O PAPEL TRANSFORMADOR DO CENTRO ACAÊMICO DA PEDAGOGIA (CAPED) NA UEMG ITUIUTABA: REPRESENTAÇÃO, MOBILIZAÇÃO E VALORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO

**BRENDA RIBEIRO MARTINS LIRA, GIOVANNA BEATRICE DE SOUZA
SILVA**

RESUMO

O ingresso na universidade é um período desafiador na vida dos(as) estudantes e requer apoio da comunidade acadêmica. Nesse contexto, surgem os Centros Acadêmicos (CAs), que desempenham papel fundamental na representação estudantil e na promoção da integração em atividades acadêmicas, sociais e culturais. No curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Ituiutaba/MG –, foi criado, em 2020, o Centro Acadêmico do Curso de Pedagogia (CAPED), inicialmente presidido pelas estudantes Bruna Gabriela de Araújo Silva, Cristiane Bertolucci de Oliveira, Maria Tereza Almeida Pereira e Rosyneide Ferreira Nunes. Sua sede localiza-se no 1º andar do Bloco C. A atuação do CAPED contempla: (i) a representação das(os) licenciandas(os); (ii) a organização e valorização de atividades acadêmicas; (iii) a mobilização em questões políticas, sociais e culturais; e (iv) a mediação entre discentes e a instituição. Em 2024, o CAPED é presidido pela discente Brenda Ribeiro Martins Lira e conta com uma equipe formada por estudantes em cargos administrativos e organizacionais. Ao longo dos quatro anos de existência, o CAPED tem se empenhado, em parceria com a coordenação, para conquistar reconhecimento e ampliar seu espaço institucional. Consolidado como espaço de discussão política, social, cultural e acadêmica – com ênfase na participação feminina – o CAPED atua em eventos, comissões e ações do curso, como palestras, oficinas e mobilizações estudantis. Destaca-se como espaço de apoio e fortalecimento do pertencimento entre estudantes de diferentes períodos, promovendo uma formação mais crítica e inclusiva. Apesar das conquistas, o CAPED ainda enfrenta desafios como o fortalecimento da representatividade, a ampliação da visibilidade e o engajamento discente. Também busca maior participação nas

discussões sobre políticas educacionais, promovendo eventos formativos. Dentre os principais obstáculos, destacam-se a arrecadação de recursos e a comunicação efetiva com o corpo discente, exigindo esforço contínuo para a expansão de sua atuação e consolidação de seu papel na vida acadêmica e social dos(as) estudantes.

Palavras-chave: Centro Acadêmico; Pedagogia; UEMG.

AUTORES:

Brenda Ribeiro Martins Lira, Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: brenda.1538859@discente.uemg.br.

Giovanna Beatrice de Souza Silva, Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: giovanna.1594006@discente.uemg.br.

PORTUGUÊS LÍNGUA DE ACOLHIMENTO (PLAC): UMA ATIVIDADE EXTENSIONISTA

JANICY VITÓRIA SILVA SOARES, LIVIA FERNANDA CARDOSO
SANTANA, PRISCILLA ALVES DE MORAIS OLIVEIRA, LÚCIA HELENA
FERREIRA LOPES

RESUMO

Propõe-se, neste resumo, apresentar resultados parciais das atividades desenvolvidas no Projeto “Alfabetização em Português como Língua de Acolhimento” (PLAc), integrante do Projeto de Prática, Pesquisa e Extensão Educacional: Possibilidades Interdisciplinares (Pronares) do curso de Pedagogia da UEMG, em atendimento à Resolução nº 7/2018 do Conselho Nacional de Educação, que trata da curricularização da extensão. O objetivo é contribuir para a inserção de crianças venezuelanas nas práticas sócio-pedagógico-internacional-culturais brasileiras, por meio da utilização da Língua Portuguesa, considerando que, segundo o Conare, só em 2023 o Brasil recebeu 58.628 solicitações de refúgio, sendo 50,3% da Venezuela. Esse país enfrenta, desde meados da década de 2010, uma crise política, econômica e humanitária, além da proximidade geográfica com o Brasil, o que facilita o fluxo migratório. Outro dado relevante do Conare aponta que quase 50% dos refugiados são crianças e adolescentes. Nesse contexto, justifica-se a relevância do uso da Língua Portuguesa para favorecer a inclusão de crianças venezuelanas, pois a educação é libertadora (Freire, 1967). Como aponta Pereira (2017), o termo Português como Língua de Acolhimento ganhou destaque com a chegada de refugiados forçados a Portugal nos anos 2000. Grosso (2010) diferencia o PLAc das noções de língua estrangeira e segunda língua, associando-o ao contexto migratório em que o idioma é necessário para sobrevivência e integração. Imigrantes e refugiados frequentemente são invisibilizados, e o PLAc pode contribuir para superar essa vulnerabilidade, favorecendo o empoderamento por meio do acesso a direitos e deveres em um novo contexto sociocultural. Para o desenvolvimento das ações, foram realizados encontros com crianças venezuelanas matriculadas no Ensino Fundamental da rede pública de Ituiutaba-MG, organizados em seis ateliês temáticos. Os resultados foram positivos:

as crianças participaram com entusiasmo das atividades lúdicas e interativas que abordaram formas de interação (cumprimentos e despedidas), comidas típicas, frutas, dinheiro brasileiro, objetos escolares e partes do corpo humano. Ressalta-se a importância da continuidade de ações como essa, pois as crianças demonstraram, por meio de expressões corporais e afetivas, que se sentiram verdadeiramente acolhidas.

Palavras-chave: Português Língua de Acolhimento (PLAc); Refugiados venezuelanos; Interação Sociocomunicativa.

AUTORES:

Janicy Vitória Silva Soares, Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: janicy.1599551@discente.uemg.br.

Livia Fernanda Cardoso Santana, Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: livia.1599291@discente.uemg.br.

Priscilla Alves de Moraes Oliveira, Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: priscilla.1599551@discente.uemg.br.

Lúcia Helena Ferreira Lopes, Graduada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa, Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestre em Língua Portuguesa pela mesma instituição. Professora na Universidade Estadual de Minas Gerais, unidade Ituiutaba. E-mail: lucia.lopes@uemg.br.

POSSÍVEIS PAPÉIS DA MÚSICA NO PROCESSO DE APRENDIZADO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

LAURA MARIA FERNANDES, CLEONICE MARIA DE JESUS, ARTHUR IRAÇU AMARAL FUSCALDO

RESUMO

O presente estudo baseia-se em uma revisão bibliográfica com o objetivo de analisar os possíveis papéis da música no processo de aprendizagem de crianças com Síndrome de Down. Para tanto, foram selecionadas as seguintes obras: Síndrome de Down: informações, caminhos e histórias de amor (Déa e Duarte, 2009), para entender a Síndrome de Down (Fátima Alves, 2011), A música e a criança (Walter Howard, 1984), A música é um jogo de criança (François Delalande, 2019) e Síndrome de Down – Guia para pais e educadores (Siegfried Pueschel, 1993), além de artigos científicos que abordam a mesma temática. A Síndrome de Down é uma condição genética que pode afetar o desenvolvimento cognitivo, motor e social da criança. A partir da análise das obras, observou-se que o trabalho com música pode promover avanços significativos em áreas como linguagem, memória, coordenação motora e habilidades socioemocionais. A interação com a música estimula regiões cerebrais ligadas à comunicação e à expressão emocional, favorecendo o bem-estar e o engajamento no processo de aprendizagem. Além disso, a música contribui para a criação de um ambiente pedagógico mais dinâmico, afetivo e inclusivo, potencializando a participação ativa das crianças com Síndrome de Down no contexto escolar. Conclui-se, portanto, que a música, quando utilizada de forma intencional, adaptada às necessidades individuais, pode ser uma valiosa ferramenta no processo de ensino-aprendizagem. Os resultados reforçam a importância de estratégias pedagógicas musicais que respeitem as especificidades de cada criança, promovendo seu desenvolvimento integral e fortalecendo práticas inclusivas na educação.

Palavras-chave: Música; Síndrome de Down; Aprendizado.

AUTORES:

Laura Maria Fernandes, Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: laura.1537743@discente.uemg.br.

Cleonice Maria de Jesus, Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: cleonice.1537744@discente.uemg.br.

Arthur Iraçu Amaral Fuscaldo, Graduado em Educação Artística – Habilitação em Música pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Mestre em Artes, na área de Arte e Educação, pela mesma instituição. Professor do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba. E-mail: arthur.fuscaldo@uemg.br.

INTERSECCIONALIDADE: REFLEXÕES SOBRE A VIVÊNCIA DE MULHERES NEGRAS NA UNIVERSIDADE

JOELMA APARECIDA DA SILVA, MARCELA CRISTIANE DE FREITAS

RESUMO

Este resumo refere-se a um relato de experiência sobre uma atividade proposta durante o plano de trabalho da disciplina Informática Aplicada à Educação, do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Unidade Ituiutaba. A atividade, apresentada como trabalho final da referida disciplina, consistiu na produção de um site sobre um tema de interesse de cada estudante matriculada. O site que organizei buscou apresentar, por meio de uma (auto)biografia, traços da minha vivência enquanto mulher preta. Para Souza (2008), a (auto)biografia tem por referência a ideia de que é o próprio sujeito quem narra sua história. Nesse processo, ocorre a resignificação da experiência e, com isso, a reinvenção de si. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo oferecer visibilidade às minhas vivências como mulher preta na universidade. Somos alunas do curso de Licenciatura em Pedagogia e, ao longo da nossa trajetória acadêmica, ao pensarmos sobre a permanência no ensino superior, identificamos enfrentamentos significativos. Somos mulheres trabalhadoras, negras, universitárias, pertencentes à classe trabalhadora e, no meu caso, mãe de dois filhos menores de idade. Nesse contexto, evidenciam-se as dificuldades em conciliar os estudos, o trabalho e as atividades domésticas, frequentemente agravadas pelas transferências de responsabilidades, que geram uma superexploração do trabalho e um duplo esgotamento: físico e psicológico. Somam-se a essas circunstâncias a dificuldade de compreensão, por parte da família e de outras mulheres, quanto à necessidade da minha ausência em função das demandas do ensino superior, que exigem tempo e dedicação. Assim, cabe a reflexão de que tais demandas não são – ou não deveriam ser – responsabilidades individuais, mas sim questões coletivas. Os aspectos aqui destacados, ainda que de forma resumida, apontam para a necessidade de refletirmos sobre a sobrecarga de trabalho enfrentada pelas mulheres em uma sociedade patriarcal e machista; sobre a falsa

ideia de liberdade; e sobre como o corpo negro de uma mulher trabalhadora pode não ser bem-vindo na universidade. Afinal, a garantia do acesso não é suficiente – é preciso também assegurar a permanência.

Palavras-chave: Inclusão; Políticas de Ações Afirmativas; Resistência.

AUTORES:

Joelma Aparecida da Silva, Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: joelmaaparecida144@gmail.com.

Marcela Cristiane de Freitas, Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: marcelacristiane107@gmail.com.

INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS NO AMBIENTE ESCOLAR

MARIA CÍCERA FERREIRA DE MELO

RESUMO

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na escola regular ainda representa um grande desafio. Muitas instituições de ensino não estão devidamente preparadas para acolher esses alunos, o que evidencia a necessidade de adaptações tanto na infraestrutura e nos recursos pedagógicos quanto na formação continuada dos profissionais da educação. É fundamental que a escola adote estratégias que favoreçam o desenvolvimento e a aprendizagem dessas crianças, especialmente durante a fase da alfabetização. Trabalhar as habilidades das crianças com TEA é promover um ambiente saudável, positivo e, sobretudo, acolhedor, no qual elas se sintam seguras e confiantes para expressar suas potencialidades. Ao inserir essas habilidades no cotidiano escolar de maneira leve e contínua, contribui-se para o fortalecimento da autoestima e para o progresso em diferentes áreas do desenvolvimento. A valorização do esforço e o reconhecimento sincero das conquistas da criança são estratégias simples, mas muito eficazes, para estimular o aprendizado e a autonomia. O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta, em diferentes níveis, a interação social, a comunicação e o comportamento. Trata-se de uma condição neurológica — e não de uma doença —, que exige respeito às particularidades de cada indivíduo e empatia para compreender seus limites e necessidades. Promover a inclusão é, antes de tudo, exercitar a capacidade de se colocar no lugar do outro e valorizar suas capacidades únicas. O TEA está associado a alterações no sistema nervoso que impactam o desenvolvimento neurológico, a linguagem, a coordenação motora, a percepção sensorial, a comunicação, o comportamento e as emoções. Essas dificuldades interferem diretamente na realização de atividades cotidianas, especialmente em ambientes sociais como a escola. A infância é uma fase crucial para o desenvolvimento global da criança, pois é nesse período que ocorrem importantes avanços no neurodesenvolvimento, bem como no desenvolvimento cognitivo,

emocional e social. É por meio desse processo que a criança adquire habilidades fundamentais para sua aprendizagem e adaptação ao ambiente escolar, como a linguagem, a atenção, a memória e a coordenação motora.

Palavras-chave: Educação inclusiva; Desenvolvimento motor e sensorial; Ambiente Acolhedor.

AUTORES:

Maria Cícera Ferreira de Melo, Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: maria.1594329@discente.uemg.br.

LABORATÓRIO MOVEL DE CIÊNCIAS: EXPERIENCIANDO OS DIFERENTES TIPOS DE SOLO

MILENA ABADIA DE SOUSA, FERNANDA FERNANDES DOS SANTOS RODRIGUES

RESUMO

O projeto de extensão intitulado “O laboratório móvel como recurso para a alfabetização científica nos anos iniciais do Ensino Fundamental” tem como objetivo promover a alfabetização científica de alunos do Ensino Fundamental I por meio de atividades experimentais realizadas semanalmente em uma escola municipal de Ituiutaba/MG, utilizando os recursos do laboratório móvel de ciências fornecido pela prefeitura. O projeto conta com a participação de professores e bolsistas dos cursos de Química e Pedagogia. Especificamente, esta pesquisa relata a experiência aplicada com duas turmas do 3º ano participantes do projeto. O objetivo da aula foi reconhecer os diferentes tipos de solo, compreender sua formação e discutir sua importância para a vida. As turmas foram organizadas em grupos de cinco alunos. Inicialmente, foram apresentados questionamentos para estimular o pensamento crítico, como: O que é solo? Como ele é formado? Qual a sua importância? Em seguida, cada grupo recebeu três amostras de diferentes tipos de solo — arenoso, humoso e argiloso — enumeradas de 1 a 3. Juntamente com as amostras, foi entregue uma tabela para o registro das análises realizadas. Os alunos deveriam observar e registrar características como cor, textura, tamanho dos grãos, umidade e cheiro, analisando uma amostra por vez. Durante essa etapa, os alunos manusearam o solo livremente, explorando-o conforme achassem adequado. Após a análise individual, os grupos compartilharam seus resultados em uma roda de conversa. A partir das observações, os responsáveis pela aula explicaram as características de cada tipo de solo, abordando como ele é formado e sua importância em diferentes contextos. Para enriquecer a experiência, foi realizado um experimento sobre a infiltração de água nos diferentes tipos de solo. Nesse momento, foi discutido qual deles é mais adequado para a agricultura, considerando sua capacidade de reter os minerais essenciais para as plantas. Na etapa final, foi abordada a relação entre a vegetação e a preservação

das características do solo. Foi conduzido um experimento comparando a infiltração e a estabilidade de um solo coberto por vegetação com outro desprovido de cobertura vegetal. Nesse contexto, discutiu-se o impacto do desmatamento sobre os recursos naturais, incluindo o solo. A experiência, conduzida com o apoio dos responsáveis pelo projeto, proporcionou aos alunos uma compreensão aprofundada de diversos conceitos relacionados à temática. Por meio de uma abordagem participativa e dinâmica, a atividade contribuiu para a assimilação dos conteúdos trabalhados nas aulas de ciências, reforçando a importância da interação entre teoria e prática no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Laboratório de móvel; Experimentos; Solos.

AUTORES:

Milena Abadia de Sousa, Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UFU. Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Uberaba e em Geografia pela UFU. Professora do Departamento de Educação e Linguagem (DEL) da Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba. E-mail: milena.sousa@uemg.br.

Fernanda Fernandes dos Santos Rodrigues, Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Mestre em Educação pela mesma instituição. Licenciada e Bacharel em Ciências Biológicas, Licenciada em Pedagogia e Especialista em Ensino de Ciências. Técnica em Alimentos pelo SENAI CETAL FAM/Uberlândia. Professora do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba. Coordenadora do curso de Pedagogia, além de membro nato do Núcleo Docente Estruturante e presidente do Colegiado. E-mail: fernanda.rodrigues@uemg.br.

PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: O QUE PODE UM MEMEORIAL DE FORMAÇÃO?

NILDA CRISTINA COSTA SANTOS

RESUMO

Este texto apresenta um relato de experiência desenvolvido no âmbito da disciplina Conteúdo e Metodologia de Matemática I, do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Unidade Ituiutaba. A atividade proposta envolveu a produção de um memorial de formação sobre as práticas históricas relacionadas à Matemática vivenciadas pelas discentes ao longo de sua trajetória escolar. Segundo Prado e Soligo (2007), o memorial de formação é um documento autobiográfico que reúne experiências educacionais, profissionais e pessoais, com ênfase em vivências formativas significativas. Neste caso, trata-se do memorial elaborado por mim, Nilda Cristina Costa Santos, no qual compartilho minha trajetória com a Matemática — uma disciplina que sempre me gerou dificuldades e traumas durante a vida escolar. No entanto, ao ingressar no curso de Pedagogia, passei a ressignificar essa relação. Isso se deve, em grande parte, à abordagem adotada pelo professor da disciplina, que propôs um estudo voltado à desconstrução de concepções cristalizadas sobre o ensino de Matemática. O memorial, portanto, tornou-se um instrumento de reflexão e desmistificação da minha experiência com a área. Nesse processo de reconstrução, revisei memórias dolorosas, mas também encontrei espaços de superação. Percebi que muitas das dificuldades que enfrentei não estavam em mim, mas nas metodologias excludentes e pouco sensíveis às diversidades. Foi libertador entender que aprender Matemática pode ser uma experiência prazerosa, desde que seja mediada com empatia e criatividade. Compreendi, também, que minha história não é isolada: muitas mulheres, especialmente negras e periféricas, enfrentam os mesmos obstáculos. Por isso, meu compromisso pedagógico é também um compromisso ético e social. Desejo criar um ambiente de aprendizagem em que todos se sintam capazes e valorizados, rompendo com os estigmas que marcam o ensino da Matemática. A escuta atenta, o respeito ao tempo de cada aluno e a valorização do erro como parte

do processo serão pilares do meu fazer docente. Afinal, ensinar Matemática é, antes de tudo, acreditar no potencial transformador de cada sujeito. Nele, também reflito sobre minha passagem pela Educação de Jovens e Adultos (EJA) e os desafios enfrentados até a entrada na universidade. Como futura professora, manifesto o desejo de ensinar Matemática de forma acessível, contextualizada e envolvente, rompendo com práticas tradicionais que, durante minha formação básica, reforçaram sentimentos de insegurança e exclusão. Meu objetivo é contribuir para a construção de experiências significativas que promovam a problematização e a valorização do saber matemático no cotidiano dos alunos.

Palavras-chave: Narrativas; (Auto)biografias; Professores que ensinam matemática.

AUTORES:

Nilda Cristina Costa Santos, Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: nildacristina13088@gmail.com.

MANIFESTAÇÃO DA TENDÊNCIA PEDAGÓGICA LIBERAL TRADICIONAL EM O CONTO DE ESCOLA DE MACHADO DE ASSIS

DIOGO ALVES DE SOUZA, LÚCIA HELENA FERREIRA LOPES, PATRÍCIA LOPES JORGE FRANCO

RESUMO

As tendências pedagógicas, segundo Libâneo (1985), referem-se a representações teóricas que orientam a ação educativa em determinado contexto histórico. Manifestam-se nas metodologias de ensino, nas relações professor-aluno e nos objetivos da educação, sendo classificadas em dois grandes grupos: tendências pedagógicas liberais – tradicional, renovada progressivista, não diretiva e tecnicista – e tendências progressistas – libertadora, crítico-social dos conteúdos e libertária. O foco das primeiras é a adaptação do indivíduo à sociedade, sem ênfase na transformação social; já as segundas propõem uma educação emancipadora voltada à transformação do sujeito e da sociedade. Desse contexto emerge o objetivo deste resumo: analisar, à luz das tendências pedagógicas, as práticas do professor Policarpo, personagem do “Conto de escola”, escrito por Machado de Assis em 1840. Pilar – narrador em 1ª pessoa – relembra um fato de sua infância envolvendo o professor Policarpo, seu filho Raimundo e Curvelo. Naquele dia, Pilar recebera de Raimundo “uma moeda do tempo do rei (...) doze vinténs ou dois tostões (...) que me fez pular o sangue no coração” para ajudá-lo na lição de sintaxe: “ele me daria a moeda, eu lhe explicaria um ponto da lição”, livrando-o do castigo do pai. A negociação foi denunciada por Curvelo, e Policarpo, que deixava os alunos sozinhos enquanto lia o jornal “mastigando as idéias (sic) e as paixões”, abandonou a leitura e aplicou o castigo com a palmatória “com os seus cinco olhos do diabo”. Além disso, os xingou de “sem-vergonhas, desaforados” e ameaçou puni-los novamente: “Porcalhões! tratantes! faltos de brio!”. A análise do conto revela uma prática próxima à tendência liberal tradicional, evidenciada pela figura autoritária do professor, pela ausência de mediação pedagógica – já que até o filho precisava pagar outro aluno “que eu era dos mais adiantados da escola” para aprender – e pela valorização de um ensino

humanístico descontextualizado das realidades sociais. Segundo Lemos (2012), o uso da palmatória e da punição como formas de controle também caracteriza essa tendência, voltada mais à conformidade do que ao desenvolvimento integral dos estudantes. Tal abordagem ignora a participação ativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem e os impede de se reconhecerem como sujeitos históricos e sociais, capazes de transformar a realidade em que vivem e a si mesmos.

Palavras-chave: Tendências pedagógicas; Tendência liberal tradicional; Conto de escola.

AUTORES:

Diogo Alves de Souza, Graduando em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: diogo.241157739@discente.uemg.br.

Lúcia Helena Ferreira Lopes, Graduada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa, Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestre em Língua Portuguesa pela mesma instituição. Professora na Universidade Estadual de Minas Gerais, unidade Ituiutaba. E-mail: lucia.lopes@uemg.br.

Patrícia Lopes Jorge Franco, Graduada em Pedagogia e Supervisão Escolar pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestre em Educação pela Universidade de Uberaba. Especialista em Gestão de Pessoas pela UFU. E-mail: patricia.franco@uemg.br.

ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O PAPEL DO LABORATÓRIO MÓVEL

FERNANDA FERNANDES DOS SANTOS RODRIGUES, MILENA ABADIA
DE SOUZA

RESUMO

O Ensino de Ciências da Natureza deve priorizar a formação de cidadãos críticos capazes de compreender e avaliar demandas nos âmbitos político, social, cultural, ambiental, ético e econômico, levando em consideração as relações entre ciência e tecnologia. Nessa perspectiva, um coletivo de professores e discentes dos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas, Química e Pedagogia da UEMG - Unidade Ituiutaba, reuniu-se desde 2023 em um projeto de extensão intitulado "O laboratório móvel como recurso para alfabetização científica nos anos iniciais do ensino fundamental". O objetivo do projeto é alfabetizar cientificamente alunos dos anos iniciais por meio de atividades experimentais realizadas semanalmente em uma escola municipal de Ituiutaba/MG. Para o desenvolvimento das atividades, foi realizada uma visita à escola para apresentar o projeto, discutir objetivos e metodologia, além de reconhecer os espaços disponíveis e a quantidade de alunos por turma. Em seguida, foi realizado um levantamento detalhado dos conteúdos de Ciências abordados do 1º ao 5º ano, conforme os documentos curriculares oficiais. A pesquisa e seleção de experimentos e atividades práticas adequadas a cada faixa etária também foram realizadas, seguidas pela elaboração de roteiros experimentais. As aulas experimentais ocorreram semanalmente, às sextas-feiras, no período matutino, com duração de 1 hora, priorizando a exploração ativa dos alunos, a observação de resultados e a discussão em grupo sobre os conceitos científicos. O aprendizado foi avaliado por meio de observações em sala realizadas pelas professoras regentes, análises de registros e questionários. As atividades do projeto foram encerradas em novembro de 2024, com um evento na Universidade, onde alunos e professores da escola conheceram os laboratórios e participaram de aulas experimentais, fortalecendo a colaboração entre a escola e a universidade. As

atividades experimentais proporcionaram aos alunos do Ensino Fundamental uma participação ativa na construção do conhecimento científico. Durante as aulas, os estudantes puderam conhecer e manipular objetos de laboratório, como vidrarias, microscópios e reagentes. Além disso, compreenderam conceitos teóricos relacionados aos conteúdos de Ciências, favorecendo um ambiente de aprendizado colaborativo. A partir das observações realizadas pelas professoras regentes, da utilização de questionários e de outros registros, podemos afirmar que houve um avanço no processo de aprendizagem dos conteúdos de Ciências. Cada vez mais, defendem-se possibilidades didáticas e metodológicas que favoreçam os meios e as condições para que a aprendizagem ocorra de forma significativa no ensino de Ciências.

Palavras-chave: Experimentos; Laboratório Móvel; Ensino por Investigação.

AUTORES:

Fernanda Fernandes dos Santos Rodrigues, Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Mestre em Educação pela mesma instituição. Licenciada e Bacharel em Ciências Biológicas, Licenciada em Pedagogia e Especialista em Ensino de Ciências. Técnica em Alimentos pelo SENAI CETAL FAM/Uberlândia. Professora do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba. Coordenadora do curso de Pedagogia, além de membro nato do Núcleo Docente Estruturante e presidente do Colegiado. E-mail: fernanda.rodrigues@uemg.br.

Milena Abadia de Sousa, Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UFU. Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Uberaba e em Geografia pela UFU. Professora do Departamento de Educação e Linguagem (DEL) da Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba. E-mail: milena.sousa@uemg.br.

O ENSINO DA MORTE NO BRASIL: UM OLHAR SOBRE ADOLESCENTES E INTERVENÇÕES

MARIA GABRIELA COSTA, ISABELLA DRUMMOND OLIVEIRA LATERZA ALVES, LÚCIA HELENA FERREIRA LOPES

RESUMO

O fenômeno da morte e do morrer se modifica ao longo da história e de acordo com a cultura e com os costumes de cada civilização. Na Idade Média, o sujeito prestes a morrer permanecia em casa na presença dos familiares, inclusive de crianças. Em contrapartida, na modernidade, esse panorama se modifica e o paciente, por vezes, morre na presença de barulhos e de fios de máquinas, distanciado das relações sociais e familiares. Essa representação de escondido, de feio e de silenciado afasta os seres humanos do verdadeiro fato do ciclo vital: a morte e o fim. No âmbito educacional, pouco se abre espaço para a comunicação e a reflexão desse assunto, bem como das consequências de fenômenos, como: lutos, rompimentos de relacionamentos, perdas de capacidades físicas e cognitivas decorrentes de processos de adoecimentos e outros. É preciso acrescentar que, durante todo o processo educacional, esse não se configura como um tema relevante e discutido em aula e, no Ensino Médio, essa dinâmica se torna ainda mais distante do público jovem, pois, nessa fase, o enfoque incide, sobretudo, na preparação para o ingresso no Ensino Superior, no ensino tecnológico e no mercado de trabalho, restringindo os momentos para reflexão das complexidades e nuances humanas. Assim, este presente trabalho objetiva discutir a importância do diálogo sobre a Educação para a Morte como recurso e como ferramenta de valorização da vida e de compreensão de perdas para adolescentes. O levantamento teórico foi delimitado às publicações relacionadas à Educação para Morte com adolescentes no Brasil, publicadas entre 2020 e 2024, tanto na área pedagógica/educacional, quanto na área psicológica. As bases de dados contempladas foram SciELO, LILACS, PubMed e Google Acadêmico, com os seguintes descritores: educação para a morte, adolescentes, intervenção, Brasil, Psicologia e Educação. O escopo final de triagem resultou em seis artigos que atendiam à proposta e os tipos de publicações se dividiram em artigos, teses de

mestrado, teses de doutorado, Trabalhos de Conclusão de Curto, livros e/ou capítulos de livros. Diante disso, o conhecimento dos enfoques se caracterizou como: 1) Grupos focais sobre luto e pandemia; 2) Inserção curricular e preparo docente; 3) Interdisciplinaridade entre psicologia e educação; 4) Uso de animação como conteúdo reflexivo; 5) Ambulatório de luto com abordagem fenomenológica; e 6) Prevenção e posvenção de suicídio escolar. Conclui-se que há poucas publicações brasileiras sobre o tema de investigação deste trabalho, resultando na escassez de modelos de intervenções. Nesse sentido, evidencia-se a relevância de mais pesquisas e de intervenções práticas que explorem formatos eficazes para trabalhar o tema no contexto educacional e outros que atendam o público adolescente.

Palavras-chave: Educação para a Morte; Pedagogia; Psicologia.

AUTORES:

Maria Gabriela Costa, Graduanda em Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: ana.241154043@discente.uemg.br.

Isabella Drummond Oliveira Laterza Alves, Graduada em Psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba. Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Ciências pelo Programa de Oncologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Especialista e com Aprimoramento Profissional em Psicologia e Oncologia pela Universidade Estadual de Campinas. Professora na Universidade Estadual de Minas Gerais, unidade Ituiutaba. E-mail: isabella.laterza@urmg.br.

Lúcia Helena Ferreira Lopes, Graduada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa, Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestre em Língua Portuguesa pela mesma instituição. Professora na Universidade Estadual de Minas Gerais, unidade Ituiutaba. E-mail: lucia.lopes@uemg.br.

BULLYING: UMA FORMA DE OPRESSÃO

AMANDA APARECIDA DE OLIVEIRA SANTOS, MÁRCIA CRISTINA DE OLIVEIRA, VERIDIANA PAULA DE OLIVEIRA

RESUMO

O bullying escolar é um fenômeno complexo que afeta profundamente a saúde emocional, psicológica e social de crianças e adolescentes, podendo deixar marcas duradouras que se estendem até a vida adulta. Pode manifestar-se de forma verbal, física, psicológica ou escrita, sendo, muitas vezes, praticado por pessoas próximas à vítima, inclusive sem a intenção clara de causar danos. Tais agressões costumam ter como origem a não aceitação de diferenças, como etnia, religião, aparência física, orientação sexual, habilidades cognitivas ou motoras, entre outras. A exclusão e a humilhação resultantes desse tipo de violência minam a autoestima, o bem-estar e o desempenho escolar das vítimas, podendo desencadear traumas severos, depressão, isolamento social e, em casos extremos, pensamentos suicidas. Neste contexto, a escola tem papel fundamental não apenas como espaço de aprendizagem formal, mas como ambiente promotor de respeito, acolhimento e desenvolvimento humano. A adoção de estratégias preventivas é essencial, como a realização de palestras educativas, o trabalho com temas como diversidade e empatia, e a formação de professores para reconhecer sinais de sofrimento nos estudantes, como mudanças bruscas de comportamento. Também é necessário considerar que, por medo, vergonha ou ausência de apoio, muitas vítimas se calam, o que reforça a importância de criar espaços seguros de escuta e diálogo. Além disso, é imprescindível o cumprimento da Lei 13.935/2019, que garante a presença de psicólogos e assistentes sociais nas escolas públicas, favorecendo uma atuação mais eficaz na identificação e enfrentamento do bullying. A escola deve ser um ambiente onde os alunos se sintam protegidos, valorizados e respeitados em sua individualidade. Por fim, reforça-se a necessidade de denúncia aos órgãos competentes, a fim de combater e prevenir a repetição dessas práticas. O enfrentamento do bullying exige o engajamento conjunto de toda a comunidade escolar e da sociedade, em prol de uma educação mais

inclusiva, saudável e humanizada. Cabe também considerar que, em alguns casos, a vítima pode se transformar em agressora como mecanismo de defesa, o que exige ainda mais sensibilidade dos profissionais da educação. É necessário formar educadores emocionalmente preparados para lidar com suas próprias emoções e, assim, melhor compreender os alunos. A promoção de vínculos positivos e o fortalecimento da cultura de paz são caminhos promissores. A superação do bullying começa com a escuta, o acolhimento e a valorização da diversidade.

Palavras-chave: Bullying; Vítimas; Escola; Lei.

AUTORES:

Amanda Aparecida de Oliveira Santos, Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: amanda.1538311@discente.uemg.br.

Márcia Cristina de Oliveira, Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: marcia.1538146@discente.uemg.br.

Veridiana Paula de Oliveira, Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: veridiana.1538144@discente.uemg.br.

EDUCAÇÃO ESPECIAL: DESAFIOS E AVANÇOS NA BUSCA PELA INCLUSÃO

ELANIA LUIZA GOMES, TAÍSA DA PAZ MEDEIROS

RESUMO

A educação especial desempenha um papel essencial na promoção da equidade e da inclusão, garantindo que pessoas com deficiências e necessidades educacionais específicas tenham acesso a um aprendizado de qualidade. Este resumo trata dos principais desafios e avanços relacionados à educação especial no Brasil, abordando aspectos históricos, legais e práticos da implementação de políticas inclusivas. Historicamente, a educação especial no país evoluiu de modelos segregados para práticas mais inclusivas. A Constituição de 1988, a LDBEN e o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) estabeleceram bases legais para a inclusão escolar. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, de 2008, representa um marco nesse processo. Entretanto, a efetivação dessas políticas enfrenta barreiras como a falta de formação docente, infraestrutura inadequada, resistências culturais e escassez de recursos especializados. Muitos professores ainda se sentem despreparados para lidar com a diversidade em sala de aula, o que evidencia a necessidade de investimentos em formação continuada e assessoramento pedagógico. Por outro lado, avanços importantes incluem a ampliação do acesso a salas de recursos multifuncionais e tecnologias assistivas, proporcionando mais autonomia aos estudantes com deficiência. Iniciativas de formação docente e projetos colaborativos entre escola e família também fortalecem a educação inclusiva. A família tem papel fundamental, oferecendo apoio emocional e participando ativamente do processo escolar. A integração entre escola e família, por meio de programas de sensibilização e orientação, potencializa os resultados educacionais. Destaca-se ainda a importância de abordagens pedagógicas flexíveis e adaptativas, como o ensino colaborativo e a aprendizagem baseada em projetos, que valorizam as potencialidades individuais dos estudantes. Conclui-se que a educação especial é fundamental para uma sociedade mais inclusiva e equitativa. O

compromisso conjunto de governos, escolas, famílias e sociedade civil, aliado a políticas públicas efetivas e práticas pedagógicas inovadoras, é essencial para garantir o direito de todos à educação de qualidade, promovendo o desenvolvimento pleno dos indivíduos e fortalecendo os valores de diversidade e inclusão.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Políticas Públicas; Acessibilidade Educacional.

AUTORES:

Elania Luiza Gomes, Professora na Universidade Estadual de Minas Gerais, unidade Ituiutaba. E-mail: elanialuiza332@gmail.com.

Táisa da Paz Medeiros, Professora na Universidade Estadual de Minas Gerais, unidade Ituiutaba. E-mail: taisadapaz@gmail.com.

OS CHAPELEIROS DO REINO E AS IDEIAS PROGRESSISTAS DA EDUCAÇÃO

MARIA EDUARDA SANTOS BARBOSA, PATRÍCIA LOPES JORGE
FRANCO, LÚCIA HELENA FERREIRA LOPES

RESUMO

O presente resumo tem por objetivo apresentar resultados de uma pesquisa teórica, cujo propósito foi estudar o impacto, no âmbito educacional, de textos do teólogo, professor, psicanalista e escritor Rubem Alves – defensor da educação constituída por meio do afeto e inspirador de muitos professores ao propor uma educação humanizada, próxima das tendências progressistas. Rubem Alves, mineiro de Boa Esperança, explorou o aspecto literário e, da leitura crítico-reflexiva de seus contos, crônicas e ensaios, podem-se registrar manifestações de práticas pedagógicas progressistas. Essa pedagogia, conforme Libâneo (1985), foca na promoção de abordagens sociopolítico-econômicas conectadas à ideia de equidade, rumo a uma sociedade mais justa, humana, igualitária e inclusiva, voltada à construção do bem-estar coletivo. No que se refere à abordagem educacional, o foco incide nas práticas que destacam o aluno como indivíduo ativo na aprendizagem, por meio de princípios de equidade e do senso crítico sobre as realidades, criticando o sistema econômico vigente, o capitalismo, e opondo-se à neutralidade. Para o desenvolvimento deste estudo, de natureza teórica, selecionou-se o texto “País dos chapéus”, da obra Educação dos sentidos e mais... (Alves, 2011). A leitura remete, de forma metafórica, a um problema social que atormenta o rei de um país, conhecido como País dos Chapéus, cujo corpo social era analfabeto e infeliz. A solução proposta pelos chapeleiros para alfabetizar e tornar feliz a população era usar chapéu; assim, todas as pessoas consideradas sábias passaram a usar o adereço, e até a população de baixa renda teve acesso a ele. Temporariamente, todos ficaram felizes. Os resultados pedagógicos dos chapéus, porém, foram desastrosos, e o rei queixou-se aos chapeleiros, que construíram nova narrativa para enganá-lo, manter a população analfabeta, infeliz e continuar enriquecendo a indústria chapeleira. Da leitura da obra, em correlação com ideias progressistas, percebe-se os chapeleiros representando a

indústria capitalista e o chapéu, o conceito de mercadoria. O rei assume papel importante, igualando-se a políticos que tratam superficialmente problemáticas sociais, negligenciando a origem da crise educacional. Rubem Alves critica, assim, a banalização da educação, os interesses grupais em detrimento dos coletivos e a manutenção de uma sociedade passiva que, silenciada, não ameaça o sistema. Em oposição às propostas dos chapeleiros, evidencia-se a defesa de ideias progressistas, centradas em uma educação capaz de dizer não ao sistema – uma educação transformadora. Para Alves, “a primeira tarefa da educação é ensinar a ver... é através dos olhos que as crianças tomam contato com a beleza e o fascínio do mundo” e aprendem que os óculos são mais essenciais à educação que os chapéus.

Palavras-chave: Trabalho Docente; Afastamentos Médicos; COVID-19.

AUTORES:

Maria Eduarda Santos Barbosa, Graduada em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: maria.241159222@discente.uemg.br.

Lúcia Helena Ferreira Lopes, Graduada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa, Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestre em Língua Portuguesa pela mesma instituição. Professora na Universidade Estadual de Minas Gerais, unidade Ituiutaba. E-mail: lucia.lopes@uemg.br.

Patrícia Lopes Jorge Franco, Graduada em Pedagogia e Supervisão Escolar pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestre em Educação pela Universidade de Uberaba. Especialista em Gestão de Pessoas pela UFU. E-mail: patricia.franco@uemg.br.

**AFASTAMENTOS DO TRABALHO, POR PARTE DOS
DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL I, DA REDE
MUNICIPAL EM ITUIUTABA-MG, DURANTE A PANDEMIA
DO COVID-19**

**ROSANA CRISTINA DUARTE, MARIA EDUARDA GIROTTO
NASCIMENTO, FERNANDA FERNANDES DOS SANTOS RODRIGUES,
VITOR SERGIO DE ALMEIDA**

RESUMO

Este resumo apresenta um recorte da pesquisa intitulada “Uma reflexão por parte do professor do Ensino Fundamental I, da rede municipal em Ituiutaba-MG, acerca do ensino remoto alavancado durante a pandemia de COVID-19”, desenvolvida inicialmente como trabalho de Iniciação Científica voluntária e expandida como Trabalho de Conclusão de Curso no curso de Pedagogia da UEMG – Unidade Ituiutaba. O estudo investigou os efeitos psicológicos e socioemocionais do ensino remoto emergencial sobre professores da rede municipal de Ituiutaba, nos anos de 2020 e 2021. Utilizando abordagem quali-quantitativa, foram aplicados questionários a 50 docentes, respeitando critérios de diversidade etária, de renda, localização das escolas e vínculo empregatício. As coletas ocorreram entre 25 de agosto e 16 de outubro de 2023. Os resultados revelaram que o ensino remoto, ainda que necessário, gerou sobrecarga de trabalho, ausência de contato físico, dificuldades com tecnologias e conflitos entre vida pessoal e profissional. Os principais transtornos relatados foram ansiedade, estresse, depressão e cansaço físico. A ansiedade foi atribuída à adaptação acelerada e às incertezas da pandemia; o estresse, ao acúmulo de demandas e à falta de estrutura; a depressão, ao isolamento; e o cansaço, à rotina desorganizada. A pesquisa evidenciou que os afastamentos docentes impactam não só os profissionais, mas também a qualidade do ensino. Conclui-se que são necessárias políticas públicas que assegurem formação continuada, infraestrutura tecnológica e apoio psicológico aos docentes. Valorizar o professor passa por garantir condições de trabalho adequadas e cuidado com sua saúde emocional, assegurando, assim, tanto o bem-estar dos educadores quanto a qualidade da educação.

Palavras-chave: Tendências progressista educacionais; Rubem Alves; País dos chapéus.

AUTORES:

Rosana Cristina Duarte, Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: rosana.1594922@discente.uemg.br.

Maria Eduarda Giroto Nascimento, Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: maria.1595024@discente.uemg.br.

Fernanda Fernandes dos Santos Rodrigues, Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Mestre em Educação pela mesma instituição. Licenciada e Bacharel em Ciências Biológicas, Licenciada em Pedagogia e Especialista em Ensino de Ciências. Técnica em Alimentos pelo SENAI CETAL FAM/Uberlândia. Professora do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba. Coordenadora do curso de Pedagogia, além de membro nato do Núcleo Docente Estruturante e presidente do Colegiado. E-mail: fernanda.rodrigues@uemg.br.

Vitor Sergio de Almeida, Graduado em Pedagogia pela Universidade de Franca. Graduado em Jornalismo pelo Centro Universitário do Triângulo. Graduado em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestre em Educação pela Universidade de Uberaba. Especialista em Gestão de Pessoas pela UFU. Especialista em Docência no Ensino Superior pelo Instituto Passo 1 – Polo Uberlândia. Professora do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, campus Pontal. E-mail: vitor_sergio@ufu.br.

AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES COM DUPLA OU TRIPLA JORNADA DE TRABALHO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

MARIA EDUARDA SANTOS BARBOSA, PATRÍCIA LOPES JORGE
FRANCO, LÚCIA HELENA FERREIRA LOPES

RESUMO

Este resumo é um recorte da pesquisa “Uma reflexão por parte do professor do Ensino Fundamental I, da rede municipal em Ituiutaba-MG, acerca do ensino remoto alavancado durante a pandemia de COVID-19”, realizada no curso de Pedagogia da UEMG – Unidade Ituiutaba, inicialmente como Iniciação Científica e depois ampliada como TCC. A pesquisa analisa os desafios enfrentados pelos professores da rede municipal durante o ensino remoto imposto pela pandemia nos anos de 2020 e 2021, com foco nos impactos sentidos pelos docentes que acumulavam dois ou mais cargos. O estudo teve como base a aplicação presencial de 50 questionários, respeitando critérios de diversidade entre os participantes. A coleta ocorreu entre agosto e outubro de 2023. Os dados permitiram montar um panorama amplo sobre os efeitos do ensino remoto emergencial, que impôs aos professores sobrecarga de trabalho, ausência de contato físico com os alunos, falta de preparo para o uso de tecnologias e dificuldade em conciliar demandas pessoais e profissionais. A pesquisa revelou que 53% dos professores possuíam mais de um cargo, o que indica a necessidade de complementar a renda diante de salários insuficientes. Os depoimentos coletados reforçam esse cenário, destacando a frustração dos docentes diante da desvalorização da profissão e da sobrecarga imposta por múltiplos vínculos empregatícios. Com a pandemia, os profissionais com dupla ou tripla jornada enfrentaram ainda mais obstáculos: mais aulas, plataformas distintas, exigências variadas, e falta de equipamentos e conexão. A carga física e emocional intensificou-se, levando muitos ao estresse e à exaustão. Relatos como “não tinha um horário fixo de trabalho” ou “cada escola tinha uma exigência” mostram como a rotina foi desorganizada e exigente. A pesquisa conclui que, diante de todas essas dificuldades,

é urgente valorizar o professor, não apenas em tempos de crise. Garantir boas condições de trabalho, remuneração justa e apoio emocional deve ser uma prioridade permanente. A atuação docente foi essencial para garantir o direito à educação durante a pandemia, sobretudo para quem enfrentou esse desafio com múltiplos vínculos e recursos limitados.

Palavras-chave: Trabalho Docente; Precarização; Pandemia.

AUTORES:

Rosana Cristina Duarte, Graduada em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: rosana.1594922@discente.uemg.br.

Maria Eduarda Giroto Nascimento, Graduada em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. E-mail: maria.1595024@discente.uemg.br.

Fernanda Fernandes dos Santos Rodrigues, Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Mestre em Educação pela mesma instituição. Licenciada e Bacharel em Ciências Biológicas, Licenciada em Pedagogia e Especialista em Ensino de Ciências. Técnica em Alimentos pelo SENAI CETAL FAM/Uberlândia. Professora do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba. Coordenadora do curso de Pedagogia, além de membro nato do Núcleo Docente Estruturante e presidente do Colegiado. E-mail: fernanda.rodrigues@uemg.br.

Vitor Sergio de Almeida, Graduado em Pedagogia pela Universidade de Franca. Graduado em Jornalismo pelo Centro Universitário do Triângulo. Graduado em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestre em Educação pela Universidade de Uberaba. Especialista em Gestão de Pessoas pela UFU. Especialista em Docência no Ensino Superior pelo Instituto Passo 1 – Polo Uberlândia. Professora do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, campus Pontal. E-mail: vitor_sergio@ufu.br.